

A APROXIMAÇÃO SINO-SAUDITA

Marina de Oliveira Finger¹

Felipe Bortoncello Zorzi²

Resumo

A Arábia Saudita é um país que historicamente se encontrou à margem dos sistemas político-sociais mais bem sucedidos da sua região. Ela passa a ter importância somente após a unificação do Reino por Abd al Aziz al Saud, em 1932, principalmente com a descoberta de petróleo feita pela Companhia de Petróleo da Califórnia em 1938. Desde então os laços entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos têm-se mantido fortes, e é inegável a importância da aliança para ambos. Nos últimos anos porém, a relação entre os dois países foi abalada por dois importantes acontecimentos, os ataques de 11 de setembro de 2001 e a crise econômica de 2008. Concomitante a essas oscilações, observa-se uma aproximação entre a Arábia Saudita e a China, desde a normalização da relação entre ambos em 1990 e especialmente após 2008. O artigo buscará, então, analisar esses movimentos e entender seu significado para as relações internacionais. Por fim serão buscadas possíveis tendências e impedimentos nessas relações.

Palavras-chave: Arábia Saudita, China, Estados Unidos, Oriente Médio

Abstract

Saudi Arabia is a country that has historically been at the sidelines of the most successful social-political systems in its region. Its importance emerged only after its

¹ Graduanda de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: marina_finger@yahoo.com.br.

² Graduando de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: felibz@yahoo.com.br.

unification by Abd al Aziz al Saud, in 1932 and, mostly due to the oil discovery made by California Oil Company in the region in 1938. Since then, Saudi-American ties have been strong and its importance is undeniable for both countries. In the last years, notwithstanding, the relation between the two countries has been undermined by two important events, the 9/11 attacks of 2001 and the economical crisis of 2008. At the same time we can observe an approximation between Saudi Arabia and China, since the normalization of their relations in 1990 and particularly after 2008. This article, will try to analyze these movements and understand their meaning for international relations. At last, it will look into possible tendencies and obstacles in these relations.

Keywords: Saudi Arabia, China, United States, Middle East.

INTRODUÇÃO

Tendo sido historicamente habitada por tribos beduínas nômades e alguns poucos povoados próximos a oásis, a região central da península arábica, conhecida como Najd, é formada por um vasto deserto, onde não existem rios permanentes e aparentemente não há recursos naturais. Desde o fim do Califado Abássida, que se estendia por quase a totalidade do mundo islâmico, essa região esteve à margem de qualquer sistema político-social, ainda que ali se localizem as cidades sagradas de Meca e Medina. Inclusive durante o ápice da expansão otomana no século XVI, sua projeção de domínio se limitava somente aos litorais do mar Vermelho e do Golfo Pérsico (Commins 2006). O império Otomano não tinha interesse em manter controle direto sobre a região, já que não possuía recursos econômicos que o justificassem, tampouco oferecia risco algum a sua segurança.

A origem da moderna Arábia Saudita remonta a 1744 na cidade de Diriyah, próximo a Riad, onde Muhhamad ibn Saud, um local poderoso, patriarca da família al-Saud, e Muhhamad ibn Abn al-Wahhab, um conservador clérigo religioso e fundador da doutrina wahhabita, juraram lealdade. Durante setenta anos, eles e seus descendentes buscaram dominar a região num esforço que culminou com a formação

do primeiro Estado saudita. Em 1818, apoiado pelos otomanos, o egípcio Muhhamad Ali, comandou suas tropas contra os sauditas, acabando com a primeira experiência de seu Estado (Bronson, 2006). As disputas tribais entre sauditas e a família al Rashid de Muhhamad ibn Rashid impediram que os primeiros retomassem o poder até 1902. Neste ano, retornados de um exílio no Kuwait, membros da família al Saud, dentre eles o futuro rei Abdel Aziz, puderam se reorganizar e invadir Riad em 1902.

Recebendo apoio financeiro britânico em troca de sua resistência às investidas do império otomano e até mesmo da derrota completa da aliada otomana al Rashid, aliando-se a outros líderes tribais e utilizando-se de uma força de batalha formada por beduínos wahhabitas, conhecidos como Ikhwan, Abdel Aziz expandiu seu domínio, ao mesmo tempo em que impunha a doutrina wahhabita sob as áreas dominadas. O Reino da Arábia Saudita foi oficialmente declarado, em 1932, na sua extensão moderna, porém sua manutenção dependia não somente do controle de seu território, mas também de um apoio internacional que garantisse sua segurança.

1 Wahabismo

Nos grandes centros islâmicos, como Istambul, Damasco, Cairo e Meca, diversas doutrinas jurídico-religiosas historicamente dividiram o debate sobre as tradições e práticas do homem muçulmano, baseadas em seus grandes livros sagrados. Em todas elas, havia margens para interpretação e pensamento crítico (Roche 2011). A grande região desértica que fica no centro da península arábica nunca foi inserida neste debate, ficando alienada do rico pensamento muçulmano afluído desde o início da propagação do islã. Por essa razão, foi ali que nasceu a mais simplista doutrina do islã sunita, a de Muhhamad ibn Abn al-Wahhab. Essa doutrina nega qualquer nuance de interpretação de símbolos e metáforas, criando um modelo muito conservador e xenofóbico de conduta, baseado unicamente nos textos sagrados do Corão e da Shari'a. Ou seja, para os wahhabitas, o verdadeiro seguidor do Islã é aquele que pratica exemplarmente todas as tradições islâmicas ditadas pelo profeta (Commins 2006). O Estado saudita e a tradição wahhabi estão intrinsecamente ligadas. A formação e a

estabilidade saudita sempre estiveram profundamente ligadas ao wahhabismo, bem como sua sustentação e propagação pelo mundo islâmico através do apoio de sua família real.

2 Inserção Internacional

2.1 Aliança com os Estados Unidos

A grande crise financeira iniciada em 1929 causou grandes impactos na região que logo viria a ser oficialmente o Estado saudita. A manutenção de sua vasta extensão territorial dependia basicamente de auxílio financeiro britânico e de impostos sobre o Hajj, peregrinação islâmica a Meca. Contudo, o número anual de peregrinos havia se reduzido a 40% e as despesas com salários de funcionários, exército e lideranças tribais minavam as contas sauditas. O interesse demonstrado pela Companhia de Petróleo da Califórnia, em 1933, em conseguir uma concessão para buscar petróleo, onde tentativas já haviam falhado em encontrá-lo, veio a representar um milagre ao Reino Saudita. Os estadunidenses já haviam obtido sucesso em busca de petróleo no vizinho Barein e, mais importante, não demonstravam interesses políticos no Oriente Médio como as potências europeias, que já controlavam regiões mais lucrativas como Iraque e Irã (Bronson, 2006). Substituir sua dependência em relação aos britânicos era importante para a coroa saudita porque viam com desconfiança os interesses dos velhos impérios europeus.

Após cinco anos de procura, a companhia logrou encontrar as primeiras reservas que, em poucos anos, já representariam cerca de 5% da produção mundial. Em 1944, sua subsidiária, a California Arabian Standard Oil Company (Casoc), fundiu-se com a Companhia Texas Oil em busca de expandir seu acesso a mercados, principalmente na Ásia. A descoberta do campo de Ghawar, maior reserva de petróleo do mundo, realizada pela nova Arab American Company, mais comumente chamada de Aramco veio a decretar o início da inserção internacional da Arábia Saudita. Durante a II Guerra Mundial, enquanto novas tecnologias eram inventadas, a demanda por petróleo aumentava

muito, tornando a região ainda mais importante aos interesses internacionais. Entre 1944 e 1951 a produção diária de petróleo cru saudita aumentou mais de vinte vezes. Além disso, já se observava na península arábica uma grande importância estratégica. Tanto por vias marítimas, encontrando-se entre as importantes rotas comerciais do mar Vermelho e do Golfo Pérsico, quanto por vias aéreas, representando um ponto de conexão com o sul e o leste asiáticos. Em 1946, através de financiamento estadunidense, construiu-se o aeródromo de Dhahran que diminuiu em muito os custos de transporte de suprimentos para os países aliados. Também no pós-guerra, a parceria entre os dois países teve grande importância. A importação de petróleo da região do Golfo representava somente 6% do total importado pelos Estados Unidos, todavia a Europa era altamente dependente dessa fonte. Durante sua reconstrução, disponibilizar petróleo barato era parte importante da estratégia do governo estadunidense junto aos europeus (Bronson, 2006). A parceria com o governo saudita possibilitava responder a essa demanda.

A Aramco desempenhava um papel importante na estratégia estadunidense. Os Estados Unidos buscavam se diferenciar da política imperialista das antigas potências coloniais, notadamente a França e o Reino Unido, mantendo-se afastados dos assuntos locais sem, contudo, deixar de demonstrar total comprometimento com a manutenção da segurança do território da coroa saudita. A presença de uma empresa de capital estadunidense de tal porte e posição privilegiada, que mantinha constantes relatórios sobre suas atividades, assegurava essa relação sem deixar de garantir seus interesses. Desse modo, o governo estadunidense concedia-lhe autonomia quanto à produção de petróleo, já que a empresa garantia a oferta de petróleo necessária.

As relações bilaterais dos Estados Unidos com outros países produtores de petróleo, como Irã, Iraque, Rússia e Venezuela sempre foram muito conturbadas, porém, durante toda a segunda metade do século XX, a Arábia Saudita gozou de fortes laços com esse país. O desenvolvimento de alta capacidade de reserva de produção de petróleo e sua disposição em aumentar a oferta deste em tempos de crise proporcionaram uma posição particular dentre esses países. Sempre que ocorreram distúrbios em algum dos países produtores de petróleo, a Arábia Saudita foi o único país que se demonstrou capaz de rapidamente repor o volume demandado. Os sauditas possibilitavam que o

governo estadunidense realizasse sua política externa em relação aos demais sem temer o caos causado pelo aumento drástico dos preços do petróleo.

Visto que durante a década de 70 ocorreram as Crises do Petróleo, que puseram os dois países em lados opostos, e a progressiva estatização da Aramco, percebe-se que uma commodity não pode explicar isoladamente como suas relações se mantiveram tão próximas na década seguinte. Fica evidente que sua aliança também fez parte de uma estratégia política mais profunda, ou seja, o interesse mútuo em impedir a expansão soviética (Bronson 2006). A agenda anticomunista estadunidense determinava o apoio à liderança política e religiosa saudita, ideologicamente oposta ao comunismo soviético de caráter ateísta e subversivo. Sendo a religião parte de cada aspecto da organização nacional saudita, era natural que a família real saudita se mantivesse como firme aliada estadunidense em impedir que a influência soviética se expandisse pelo Oriente Médio. Nesse contexto, contando com o apoio estadunidense, a família real saudita financiava centros de ensinamento da doutrina wahhabita por todo o mundo muçulmano, formando uma grande rede de influência e de doutrinação religioso ligada à coroa saudita. A revolução iraniana de 1979 e a invasão soviética ao Afeganistão influenciaram a próxima década de esforços conjuntos de política externa, incluindo apoio aos mujahidins antissoviéticos no Afeganistão e à guerra de Saddam Hussein contra o Irã (Blanchard 2009). O Irã, até então um dos pilares da influência estadunidense no Oriente Médio, tornou-se hostil à presença ocidental e também ideologicamente oposto à monarquia sunita saudita, dado que a chegada ao poder dos aiatolás tornava o ramo xiita do islã oficial no Irã. Ao passo que anteriormente os iranianos desempenhavam um papel de parceria na manutenção da estabilidade, no período seguinte ficou a cargo dos sauditas tanto a contenção de russos, quanto de iranianos.

No entanto, desde o fim da União Soviética, o alinhamento entre os dois países tem-se enfraquecido. A Arábia Saudita não é mais um país pobre e marginal, o qual companhias de petróleo e representantes diplomáticos estadunidenses poderiam facilmente orientar. Hoje, ela é, sim, uma potência regional significativa. Possui o status de segundo maior produtor, depois da Rússia, e o maior exportador de petróleo do mundo (CIA Factbook, 2012), e é capaz de influenciar os preços e ofertas de petróleo através de

sua capacidade reserva de produção e de seu papel de liderança na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Além do mais, exerce certa liderança ideológica, graças à rede de doutrinação religioso que construiu. O Conselho de Coperação do Golfo (CCG), formado por ela e mais cinco Estados da região do Golfo Pérsico em 1981, citem-se Omã, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Catar e Barein, representa uma zona de influência saudita com finalidade econômica e securitária. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, geraram-se tensões nas relações com o governo estadunidense, principalmente causadas pela descoberta de que 15 dos 19 sequestradores eram de origem saudita, bem como o líder da Al Qaeda, Osama Bin Laden. Logo, porém, os sauditas se tornaram um importante aliado na luta antiterrorista, o que gerou mesmo ataques terroristas dentro do país como resposta a essa cooperação (Progressive Management 2011). No entanto, alterou-se a política de tolerância por parte dos Estados Unidos, pois o ideário fundamentalista dos terroristas assemelhava-se bastante àquele dos conservadores wahhabitas que rechaça as influências externas e reformistas. As constantes críticas do parlamento estadunidense ao sistema político do Estado saudita, baseado na religião, foram recebidas amargamente pela família real saudita. A crise financeira de 2008 demonstrou o quão frágil essa aliança se tornou. O governo saudita percebe que já não pode depender exclusivamente do apoio estadunidense no cenário internacional. Essa dependência representa estar submetido às intempéries de sua economia e também exposto às críticas da sua opinião pública e oficial.

2.2 A disputa com o Irã

A partir da revolução islâmica de 1979, o Irã passa a ser o maior obstáculo à hegemonia saudita na região. Desde então, a política externa saudita tem tido como um dos seus principais objetivos a desestabilização do Irã (Chaudhry, 2012). Nos últimos anos, a eleição de Mahmoud Ahmadinejad, a nuclearização do país e a interferência iraniana no Iraque após a retirada dos estadunidenses acabaram deteriorando ainda mais as relações entre os dois países. No Iraque, os sauditas temem pela exclusão da minoria sunita, que é a base de apoio saudita. Quanto ao programa nuclear, o país tem

cada vez mais advertido o Irã sobre um possível desastre regional, caso suas ambições sejam alcançadas. Em resposta às atitudes iranianas, os sauditas já pediram a permissão da IAEA, em 2006, para o desenvolvimento de energia nuclear, bem como assinaram um acordo com os Estados Unidos acerca desse ponto em 2008 e novamente em 2012 com a China. Por fim, outro fator que interfere na luta entre os dois países é a visão saudita de que os iranianos estão inflamando tensões regionais por meio de apoio a movimentos como o Hamas e o Hezbollah. O reino saudita vê essas ações como uma oposição direta à moderação que o país tenta coordenar por meio de sua política externa – papel esse que ele procura exercer desde as primeiras guerras árabe-israelenses (Progressive Management, 2011). A mais recente disputa entre os dois países se deu no Barein, durante as Revoltas Árabes. A oposição xiita, apoiada pelo Irã, rebelou-se contra o governo sunita, apoiado pela Arábia Saudita e pelos Estados Unidos. A invasão do Conselho de Cooperação do Golfo, liderado pelos sauditas, foi a responsável pela manutenção do status quo do país, o que beneficiou tanto os sauditas, que garantiram a vitória de seus aliados, quanto os estadunidenses, que asseguraram sua base militar na ilha.

3 Relações com a China

As relações entre a Arábia Saudita e a República Popular da China só se normalizaram em 1990, com o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. A maior aproximação entre ambos, porém, começa apenas na década de 2000 e, em especial, após a crise de 2008, ocorrendo em três principais esferas: investimento, comércio e política. As primeiras movimentações ocorreram principalmente no campo econômico, podendo ser considerado o primeiro grande gesto o investimento realizado pela Aramco de U\$S 750 milhões em refinarias chinesas, em 1999, no mesmo ano em que o então presidente chinês Jian Zemin anunciou o início de uma parceria estratégica com os sauditas. Desde então o nível de investimento entre os países tem crescido bastante. O maior foco tem sido em indústrias relacionadas ao petróleo e ao gás, mas a infraestrutura também tem sido alvo de investimentos. Em 2010 existiam cerca de 90 empresas chinesas atuando em território saudita, sendo 70 destas no setor de construção

(Meyer, 2010). Com isso a participação dos investimentos chineses com relação ao total de investimento recebido pela Arábia Saudita tem aumentado desde 2005, ao passo em que a participação estadunidense sofreu uma brusca queda em 2008. Um setor que está sendo bastante visado para investimentos por ambos países é o petroquímico. Sendo produtor de matérias primas para os chineses, como o plástico, produzido a partir do recurso natural abundante na Arábia Saudita, é um campo que representa ganhos para os dois países. Em 2007 a Aramco anunciou a assinatura de um acordo com a ExxonMobil, a Sinopec Corp e o governo provincial de Fujian para a construção de uma joint venture que refinaria e produziria petroquímicos.

Não só o investimento, mas também o comércio entre os dois países tem se mostrado muito importante. As trocas comerciais cresceram de maneira significativa na última década, ultrapassando mesmo o comércio entre sauditas e estadunidenses em 2009. Em 2010 a China se tornou o maior destino de exportações e a segunda maior fonte de importações sauditas (Kingdom of Saudi Arabia, 2010). Tal relação comercial se mostra muito vantajosa para os dois lados. Por um lado, a China tem preocupações acerca de sua segurança energética, que pode ser garantida pelas imensas reservas petrolíferas sauditas e que transformou a Arábia Saudita na sua maior parceira comercial no Oriente Médio. Essa relação tende a se aprofundar ao longo do tempo e pode representar uma importante mudança na política saudita. Sendo a China um comprador tão importante quanto os Estados Unidos, o poder de influência deste último nas decisões sauditas relacionadas ao petróleo deve diminuir, o que pode afetar o papel de garantidor de preços que a Arábia Saudita realiza na OPEP frequentemente ao longo da história. Por outro lado, os sauditas sofrem com a baixa diversificação de sua indústria, baseando grande parte do consumo interno nas importações. A China acabou se tornando, então, um importante fornecedor de eletroeletrônicos para o país árabe.

Inicialmente pautado pela cooperação econômica, o relacionamento sino-saudita tem evoluído para outras áreas, como política e mesmo energia nuclear. Em 2006 o rei saudita Abdullah realizou sua primeira viagem oficial para um país fora do Oriente Médio, realizando uma visita diplomática a Pequim. Durante a viagem foram assinados diversos acordos de cooperação em energia, em comércio, em investimento

e em assuntos técnicos. Em retribuição, o presidente chinês Hu Jintao visita Riad dois meses mais tarde, assinando outros acordos de cooperação em exploração energética, segurança e saúde. Em janeiro de 2012 os dois países assinaram um acordo de cooperação para o desenvolvimento e uso pacífico de energia nuclear em território saudita. O acordo prevê maior aproximação em termos científicos e tecnológicos entre os dois países, e se encontra dentro dos esforços sauditas de diversificação de suas fontes de energia (Khan, 2012).

4 Implicações

A aproximação com a China, portanto, tem se realizado de forma cautelosa. A cooperação econômica tem sido o maior foco de atenção, tendo os chineses hoje igual ou maior importância comercial que os Estados Unidos, além de se tornarem também cada vez mais importantes parceiros de investimento. Para o Reino essa situação representa um possível aumento de autonomia, uma vez que os Estados Unidos acabam tendo menor controle sobre a economia saudita. Essa maior independência, porém, restringe-se ao campo econômico, uma vez que os estadunidenses ainda são o maior parceiro militar saudita e nem os chineses nem os sauditas parecem querer mudar esse quadro. Uma das razões para isso é a questão da venda de mísseis CSS-2 no fim da década de 1980, quando os chineses venderam mísseis ultrapassados e ineficientes sem ogivas nucleares. Pelo lado estadunidense, ao contrário, as relações militares se mantêm ativas como confirmam as assinaturas de contratos desde 2011 para compras sauditas de equipamentos estadunidenses, no valor total de 60 bilhões de dólares – o que se realizada em sua totalidade representará a maior venda realizada pelos Estados Unidos a um só país.

Por outro lado, a aproximação com a China tem significado também na política regional saudita. Desde a década de 1980 a relação entre a China e o Irã tem sido bem próxima. Em 1979 a China reconheceu o governo da Revolução Islâmica apenas três dias após sua fundação, o que mudou a desconfiança que os iranianos tinham com relação aos chineses. No fim os anos 1980 a guerra Irã-Iraque e os acontecimentos da

Praça da Paz Celestial em 1989 aproximaram os dois países, uma vez que estes acabaram sendo isolados da comunidade internacional, adotando posturas mais pragmáticas nas suas relações exteriores. Nos anos 1990 o estrondoso crescimento econômico chinês tornou o país um importador de petróleo, aprofundando as relações comerciais com os iranianos (Harold e Alireza, 2012). Nos últimos anos, o isolamento internacional pelo qual o Irã vem passando abriu espaço para a atuação chinesa, que vem ocupando postos de comércio e investimento antes liderados por países europeus, Estados Unidos ou Japão. Para os iranianos, a China representa a mais importante base de sustentação do regime internacionalmente, tendo evitado, por exemplo, diversas sanções contra o programa nuclear iraniano. Essa relação muito próxima desagradou tanto os Estados Unidos quanto a Arábia Saudita, que busca balancear o peso iraniano nas decisões chinesas.

Assim, para os estadunidenses a aproximação entre sauditas e chineses pode significar um afastamento do Irã, enfraquecendo sua base de apoio. No entanto, tal relação limita a capacidade de ação estadunidense, já que a Arábia Saudita por anos tem sido, paralelamente a Israel, sua mais constante aliada na realização de sua política para o Oriente Médio. Seu grande peso no Conselho de Cooperação do Golfo lhe permite manter a segurança de outros parceiros estadunidenses, dentre eles a ilha do Barein, na qual se encontra sua maior base naval no Oriente Médio e sua Quinta Frota (Fifth Fleet). A intervenção do CCG nesta base em março de 2011 o comprova, visto que sua elite é sunita pró-saudita, porém 70% da população da ilha é, como no Irã, xiita. Portanto, percebe-se que ela ainda possui grande importância estratégica por fazer fronteira terrestre e marítima com diversos países, dentre outros: Irã, Iraque, Iêmen e Egito. Ademais, um comprometimento saudita com a crescente demanda chinesa pode prejudicar a fundamental manutenção dos preços do petróleo.

Para a China a aproximação com a Arábia Saudita tem implicações em duas áreas principalmente: a segurança energética do país e a limitação do poder estadunidense. Desde a década de 1990 os chineses tem consumido mais energia do que produzem, sendo, portanto, importadores de petróleo. A fim de garantir sua segurança energética, o país tem diversificado suas fontes de importação e os sauditas representam um importante parceiro para isso. Além disso, a crescente tensão sobre o Irã prejudica a

segurança da sua produção e fornecimento de petróleo, o que garante uma posição ainda mais destacada para os sauditas. Com relação aos Estados Unidos, os chineses têm buscado por meio do aumento da sua influência no Oriente Médio evitar ações unilaterais por parte daqueles. Tal atitude, porém, não significa uma busca por tomar o atual lugar estadunidense na região, mas apenas assegurar os interesses chineses, sobretudo os econômicos (Saito, 2007).

CONCLUSÃO

Como exposto, a Arábia Saudita esteve historicamente à margem das estruturas político-sociais que se desenvolveram na região do Oriente Médio. Somente com a unificação do reino em 1932 e a posterior descoberta de petróleo no seu território os sauditas vieram a se integrar ao sistema internacional. Desde então o apoio estadunidense tem se mostrado essencial para a manutenção e o fortalecimento do Reino. Contudo, desde o fim da União Soviética, ou seja, do inimigo comum, e principalmente desde os atentados terroristas de 2001, a importância da relação entre os dois países tem diminuído. Concomitantemente a esse processo, a Arábia Saudita reatou relações diplomáticas e ampliou seus laços com a China. Tal aproximação culminou com a superação dos Estados Unidos como maior parceiro comercial saudita pelos chineses que em 2010 se tornaram a maior fonte de importações e o segundo maior destino de exportações do Reino. Apesar disso, a relação sino-saudita se limita a questões comerciais e políticas, reservando os vínculos militares aos Estados Unidos.

A aproximação sino-saudita tem um importante peso na política regional, uma vez que os chineses são historicamente aliados iranianos. Por parte dos sauditas a relação com a China representa uma vantagem na disputa com o Irã, pois significa tanto um afastamento entre eles, quanto uma fonte inesgotável de demanda por petróleo. Além disso, facilita uma crescente independência política e econômica em relação aos parceiros tradicionais estadunidenses, já que esses perdem influência relativa no processo decisório do Reino. Por parte dos chineses tal proximidade pode garantir uma menor capacidade estadunidense de intervenção unilateral, o que assegura a

estabilidade necessária para os interesses econômicos chineses na região. Em suma, pode-se considerar a aproximação sino-saudita como pragmática, visto que não representa necessariamente a eliminação da influência dos Estados Unidos no Oriente Médio, mas uma maior integração da China na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albassam, Bassam Abdullah. "Political Reform in Saudi Arabia, Necessity or Luxury?". Middle East Studies Online Journal, v. 3, nº6 (2011), <http://www.middle-east-studies.net>.

Al Jazeera. "Saudi Arabia's intervention in Bahrain". Al Jazeera, 16 de março de 2011. Acessado em 24 de julho de 2012. <http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/03/2011316105616297611.html>

BBC News. "Profile: Gulf Co-operation Council." BBC News, 15 de fevereiro de 2012. Acessado em 21 de abril de 2012. http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/country_profiles/4155001.stm.

BBC News. "Saudi Arabia Profile." BBC News, 16 de janeiro de 2012. Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-14703478>.

Blanchard, Christopher M. Saudi Arabia; background and US relations. Washington: Congressional Research Service, 2009.

Blanchard, Christopher M. Saudi Arabia; background and US relations. Washington: Congressional Research Service, 2011.

Bronson, Rachel. Thicker Than Oil; America's uneasy partnership with Saudi Arabia. Oxford University Press, 2006.

Chaudhry, Kiren Aziz. "Kingdom of the terrified". Al Jazeera, 5 de março de 2012. Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/20122012/02/227164648156470.html>.

CIA. "The World Fact Book: Saudi Arabia." CIA, 13 de abril de 2012. Acessado em 20 de abril de 2012. <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sa.html>.

Commins, David. *The Wahhabi Mission and Saudi Arabia*. New York: I.B. Taurus, 2006.

Defense Industry Daily. "2010-12 Saudi Shopping Spree: F-15s, Helicopters & More". *Defense Industry Daily*, 15 de abril de 2012. Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.defenseindustrydaily.com/A-2010-Saudi-Shopping-Spree-06520/>.

Ellis, John . "The Real Battle of Bahrain: Saudi Arabia vs. Iran" *Business Insider* (14 de março de 2011), http://articles.businessinsider.com/2011-03-14/politics/29987588_1_bahrain-saudi-arabia-iran

Gause III, F. G. *Saudi Arabia in the New Middle East*. Nova Iorque: Council on Foreign Relations, 2011.

Harold, Scott e Nader, Alireza. *China and Iran: Economic, Political, and Military Relations*. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2012. Acessado em 05 de agosto de 2012. http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2012/RAND_OP351.pdf

Khan, Ghazanfar Ali. "Kingdom, China ink nuclear cooperation pact." *Arab News*, 16 de janeiro de 2012. Acessado em 21 de abril de 2012. <http://arabnews.com/saudiarabia/article563797.ece>.

Kingdom of Saudi Arabia. *Import Statistics*. Riade: Ministry of Economy and Planning, Central Department of Statistics and Information, 2010.

Kingdom of Saudi Arabia. "Saudi Arabia – Kingdom of Humanity." Ministry of Higher Education, 4 de agosto de 2010. Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.mohe.gov.sa/en/studyinside/aboutKSA/Pages/default.aspx>.

Kobayashi, Yoshikazu. *Corporate Strategies of Saudi Aramco*. James A. Baker III Institute for Public Policy of Rice University, 2007

Kraus, Clifford. "Saudi Arabia, defying OPEC, will raise its oil output." *New York Times*, 10 de junho de 2011. Acessado em 21 de abril de 2012. <http://www.nytimes.com/2011/06/11/business/energy-environment/11oil.html>.

Meyer, Henry. "China and Saudi Arabia form stronger ties." *New York Times*, 20 de abril de 2010. Acessado em 22 de abril de 2012. <http://www.nytimes.com/2010/04/21/business/global/21energy.html>.

Progressive Management. *Saudi Arabia; federal research study and country profile with*

comprehensive information, history and analysis. Washington: Library of Congress, 2011. Rasooldeen, MD. "Saudinization on course, says Fakeih." Arabnews, 28 de maio de 2012. Acessado em 31 de maio de 2012. <http://arabnews.com/saudization-course-says-fakeih-0>.

Roche, Alexandre A. E. "A Primavera do Mundo Árabe-Sunita: O Islã Árabe-Sunita entre o Wahhabismo Conservador e o Espírito Crítico, entre a Política do petróleo e a Independência Econômica". Revista Conjuntura Austral, v. 2, nº 7 (2011), <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/22774/13192>

Royal Embassy of Saudi Arabia. "About Saudi Arabia; OPEC." Acessado em 21 de abril de 2012. <http://www.saudiembassy.net/about/country-information/energy/OPEC.aspx>.

Saito, Henry T. "China's Expantion into the Middle East and its Effects on US Foreign Policy." Dissertação de Mestrado, Naval Postgraduate School, 2007. Kindle edition.

Saudi Aramco. "Home". Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.saudiaramco.com/en/home.html>.

Slackman, Michael. "The Proxy Battle in Bahrain." The New York Times, 19 de março de 2011. Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.nytimes.com/2011/03/20/weekinreview/20proxy.html?pagewanted=all>.

United States Department of State. Country Reports on Terrorrism 2010. United States Department of State, 2011

US Energy Information Administration. "Independent Statiscs and Analysis." Acessado em 20 de abril de 2012. <http://www.eia.gov/>.